

# FARMACÊUTICO: NOVOS TEMPOS, NOVAS EXIGÊNCIAS

Já não basta ao farmacêutico ser uma excelência em Farmácia. Os novos tempos cobram dele conhecimentos universais, para enfrentar o dia-a-dia da farmácia. O alerta é do secretário geral do CFF, farmacologista Arnaldo Zubioli

O farmacêutico precisa se aperceber que as transformações tecnológicas, científicas e comportamentais estão exigindo dele a ampliação irrestrita de sua base de conhecimentos, inclusive universais e humanistas. A recomendação é do secretário-geral do Conselho Federal de Farmácia, farmacologista Arnaldo Zubioli. Ele ressalta que sem uma bagagem diversa que lhe propicie uma múltipla capacitação, o farmacêutico não se tornará apto a enfrentar, na farmácia, a diversidade de situações que os novos tempos têm trazido. “O farmacêutico não pode mais dominar apenas as ciências farmacêuticas, mas também conhecer outras áreas do saber, como a neurolinguística, a antropologia, a administração, entre tantas outras”, aconselha.

Sem o mínimo de conhecimento de antropologia, por exemplo, o farmacêutico não terá condições de levantar alguma reflexão social sobre o envelhecimento da população. O envelhecimento é uma realidade que exige do farmacêutico habilidades, no momento de prestar orientações ao paciente idoso, de decidir e de questionar o médico sobre um determinado medicamento prescrito e, enfim, de adotar uma série de ações no âmbito da farmácia clínica.

No momento da automedicação responsável, por exemplo, na indicação de medicamentos à pessoa idosa, importa levar em conta o declínio de todas as suas funções (diminuição do fluxo sanguíneo, redução do peso corporal, função renal e hepáticas diminuídas etc.). Importa estar atento, ainda para o fato de que a alteração dos parâmetros farmacocinéticos, a peculiar sensibilidade a certos medicamentos, a presença de patologias (diabetes, hipertensão, problemas cardiovasculares e renais etc.) e o uso simultâneo de vários medicamentos, fazem com que os idosos, como grupo, apresentem uma alta incidência de reações adversas.

Mas, além desses conhecimentos, o farmacêutico, no entendimento de Arnaldo Zubioli, deve buscar explicações ainda mais fundas para o fenômeno do envelhecimento da população brasileira.

A antropologia – e mesmo outras ciências – é o caminho. O secretário do CFF sugere ainda que o farmacêutico apegue-se também aos conhecimentos de neurolinguística, para estabelecer uma política mais substancial de comunicação com as pessoas que buscam os seus serviços, na farmácia. “A comunicação é essencial para qualquer tipo de trabalho. Em nosso caso, que lidamos diretamente com o público e que temos como mensagem informações sobre saúde, a essencialidade dobra em importância”, complementa.

“Fica muito mais fácil e rico, quando o farmacêutico tem uma base diversa de conhecimentos, para enfrentar o dia-a-dia da farmácia e responder às muitas questões que lhe são feitas”, explica. Para Zubioli, a raiz dessa múltiplo conhecimento está nas palavras-chave “atender melhor”.

**A verdadeira vocação** - Arnaldo Zubioli enfatiza que a verdadeira vocação da farmácia é a de ser um estabelecimento de consulta farmacêutica e não mais aquele mero ponto de dispensação. “Ela é um lugar em que as pessoas buscarão, cada vez mais, informações sobre saúde, com vistas a melhorar a sua qualidade de vida”, complementa.

As pessoas que se dirigirão à farmácia, daqui para frente, terão como característica o fato de possuírem um melhor nível de informações sobre saúde, em geral. Isso, por si só, já é um paradigma farmacêutico a exigir que o profissional aperfeiçoe o seu perfil. “Essa realidade é um novo desafio para farmacêutico. Ou ele a assimila e se qualifica melhor, ou cairá no enorme vão da desatualização, podendo pagar caro por isso, inclusive, com dificuldades no mercado de trabalho”, prevê.

Atualmente, informa o farmacologista, as pessoas, em muitos Países do Primeiro Mundo, já não buscam mais o farmacêutico para que atendam às suas prescrições médicas, mas para que lhes dê aconselhamentos a respeito de problemas de saúde. Os pacientes não são mais os mesmos de ontem. “São mais exigentes, mais conhecedores dos seus direitos de consumidor; são mais bem informa-



Arnaldo Zubioli

dos e mais ativos, em termos de participação sobre o tratamento”, informa. Também, possuem uma melhor bagagem de conhecimentos universais. Esse novo perfil do cidadão que procura o estabelecimento farmacêutico, ressalta Arnaldo Zubioli, vem ajudando a criar uma nova referência farmacêutica que, noutras palavras, pode ser traduzido como as bases da farmácia clínica.

Lembra Zubioli que as ciências trouxeram mudanças conceituais, as organizações sociais e as estruturas familiares também foram atingidas por transformações profundas. “O que antes eram referências baseadas em leis, hoje, não são contempladas na legislação, mas na bioética, no biodireito. Por isso, é importante que o farmacêutico paute-se na liberdade, na consciência e nos valores éticos”, conclama. Nesse conjunto de mudanças, encontra-se uma farmácia voltada não mais para a produção, mas para o serviço.

**Medicamento como suporte** - Os novos conceitos não devem significar o distanciamento do farmacêutico do medicamento. Isso, em hipótese alguma, esclarece Arnaldo Zubioli. Mas o medicamento deve entrar, nesse novo contexto, como um suporte para assegurar a qualidade de vida do cidadão, a exemplo de outros suportes, como o aconselhamento e as campanhas de esclarecimento sobre certas doenças, como a diabetes, a hipertensão e os altos níveis de colesterol.

O diabético, informa o secretário geral do CFF, pode, muito bem, ter uma boa qualidade de vida só com as informações que recebe do farmacêutico sobre uma alimentação desejável, sobre a necessidade da prática de exercícios físicos etc. “Eventualmente, ele poderá tomar um medicamento”, prevê. Zubioli salienta que a orientação farmacêutica é uma das grandes responsáveis pela melhora da qualidade de vida. “A farmácia de ontem está se transformando apenas um referencial histórico”, conclui.